

Resenha

Maimônides – construtor de pontes

MAIMÔNIDES. 2003. *O guia dos perplexos: Parte 2*. Tradução de Uri Lam. São Paulo; Landy. ISBN 85-7629-004-9.

Esta é a primeira versão do *Guia dos perplexos* para a língua portuguesa. Trata-se de uma tradução integral e direta do hebraico realizada por Uri Lam. Faz parte do projeto de publicação integral do *Guia dos perplexos* pela Editora Landy, com as Partes 1 e 3 a serem publicadas em breve, para integrar as comemorações pelos 800 anos da morte de Maimônides, acontecida no velho Cairo em 1204.

Do autor

No dizer do próprio tradutor, Maimônides teve por meta estabelecer uma relação inteligível entre a sabedoria judaica e a filosofia clássica grega através de uma espécie de *diálogo* entre os discursos dos *Sábios*, por um lado, e os de Aristóteles (considerado por Maimônides “o Príncipe dos Filósofos”), incluindo os Peripatéticos em geral, por outro. Maimônides entende e interpreta a tradição bíblica e rabínica do judaísmo como uma raiz explícita de uma verdade filosófica. A importância de Maimônides como filósofo não reside na qualidade das respostas dadas aos problemas específicos, mas sobretudo na maneira de formular as questões e na metodologia para enfrentá-las. A certeza de uma única verdade, independente do modo como a ela se aceda, será a marca deixada por Maimônides na bai-

xa Idade Média, não só na tradição judaica e muçulmana, mas sobretudo na cristã.

Maimônides é um cruzamento de caminhos que, através dum espírito crítico-reflexivo, conduz em direção à combinação de ortodoxia e heterodoxia, de fidelidade e transgressão. Como judeu andaluz, estava em contato com as três tradições teológicas monoteístas, a judaica, a siríaca e a cristã, e atento à complexidade histórica das suas relações com a filosofia grega, siríaca e árabe.

Suas indagações médicas, teológicas, filosóficas, suas leituras dos poetas árabes confluíram numa obra que atravessou tempo e tradições. Ele soube compor, com singular sabedoria, um único tecido com a escritura aristotélica lida nas traduções árabes e a interpretação da Toráh e do Talmud vigentes no seu tempo. Das sutilezas da sua erudição, que foi forjada na leitura dos manuscritos guardados na fantástica biblioteca de Córdoba, Maimônides extraiu argumentos que tramaram fé e razão, as narrações do Gênese com a Física de Aristóteles.

Do texto

O *Guia dos perplexos*, escrito originalmente em árabe e traduzido posteriormente pelo próprio autor ao hebraico, teve versões em latim já no século XIII, pois a obra era conhecida de Alberto Magno e Tomás de Aquino. Este último se refere a Maimônides como “o sábio judeu”. Na língua espanhola há uma tradução de 1419.

O texto visa guiar um estudante perplexo diante da ininteligibilidade das Escrituras. Maimônides se propõe não somente dar respostas a preocupações teóricas específicas, mas principalmente guiar o perplexo na vivência da sua vida como um todo, e não apenas na sua vida religiosa. O *Guia* leva o jovem interlocutor, perplexo diante da aparente ininteligibilidade da sua tradição religiosa e modo de vida, a se mover de um estado de aporia para outro no qual se revela a inteligibilidade da tradição e é superada a dicotomia entre razão e fé.

Dirá ele que tem dois propósitos nesta empresa lite-

rária: por um lado, explicar o verdadeiro sentido dos termos que se encontram nos livros proféticos, desde uma perspectiva filosófica, ao homem religioso, que crê com sinceridade na verdade da Lei mosaica, e que, dirá ele, “tendo-o atraído e guiado a razão humana aos seus domínios, está desorientado pelo sentido exterior das palavras da Lei... o qual lhe traz perplexidade.”¹ Supõe um interlocutor agitado e perplexo diante do sentimento de estar rejeitando os fundamentos da sua fé ao se deixar levar pelas orientações da razão, ou aquele que se sente impelido a se ater à superficialidade dos conceitos recebidos pela tradição abandonando os chamados da razão e sofrendo, por isto, “dor e perturbação violentas”. Por outro lado, tem como propósito prover ferramentas ao crente para que possa encontrar o sentido esotérico, escondido, que salvará da perplexidade que provoca, ao homem verdadeiramente instruído, a superfície das alegorias proféticas.

Encontramos neste duplo propósito as duas características que atravessam qualquer trabalho filosófico em qualquer tempo: esclarecer conceitos e identificar sentidos.

O desejo de Maimônides é o de defender o uso da filosofia para explicar as Escrituras, não no sentido de uma teologia, que é uma racionalização dos dados revelados, mas a favor dos argumentos, não importando aonde estes possam levá-lo.

Tão seguro está da fundamentação filosófica das Escrituras, que mesmo as próprias posições de Aristóteles acerca da eternidade do mundo devem ser avaliadas desapaixonada e filosoficamente. Se consegue demonstrar a crença aristotélica da eternidade do mundo, aí sim adere a ela. Ele está convencido de que deve avaliar todos e cada um dos argumentos por seus próprios méritos filosóficos, para corroborar depois a verdade nas próprias Escrituras. Esta abertura filosófica é evidente também em outros textos seus anteriores, como *Os oito capítulos*, em que diz que os argumentos apresentados não são inventos seus, mas palavras de sabedoria do Talmud, “assim como do trabalho dos filósofos,

¹ *Guia de perplejos*, Introducción.

antigos e recentes, e também do trabalho de outros autores, dado que devemos aceitar a verdade independentemente da fonte da qual procede.” Certamente está-se referindo a Aristóteles e à sua fonte árabe Al-Kindi.

Encontramos nesta segunda parte do *Guia dos perplexos*, composta de 48 capítulos, o tratamento dado a quatro temas da maior relevância filosófica para a Idade Média. O primeiro deles, tratado no primeiro capítulo, é o que corresponde às provas da existência de Deus. Ele retoma os quatro argumentos aristotélicos para provar a existência, incorporeidade e unidade da Primeira Causa. A estes Maimônides acrescenta dois argumentos relativos à *unicidade* de Deus, da qual se depreende a *incorporeidade*, dado que todo corpo é formado de ao menos duas partes. Assim pretende ter demonstrado que Deus é *um* e *incorpóreo*.

O segundo conjunto de capítulos, que vai do 2 ao 12, se refere às *Esferas celestes* e às *inteligências puras ou separadas*. Neles Maimônides se refere ao Universo, do qual a terra é o centro, dizendo que ele é vivo e orgânico. Qualquer mudança na Terra é causada por uma seqüência constante de influências que fluem desde deus, passando por quatro esferas: dos astros fixos, dos planetas, do sol e da lua. A divisão das esferas em quatro é tida como uma das originalidades de Maimônides. Um verdadeiro tratado sobre a hierarquia ou uma metafísica do poder.

O terceiro grande tema é o da Eternidade do Mundo, desenvolvido nos capítulos 13 a 31. Maimônides não está interessado em disputar com Aristóteles a respeito da verdade da sua teoria nem demonstrar o contrário. A grande estratégia dele é a de demonstrar que “a teoria da Criação é uma possibilidade”, de um ponto de vista filosófico, “tão viável quanto” a teoria da Eternidade do Universo; a partir disto, buscará comprovar que a teoria que supõe a criação é a mais provável.

O quarto e último conjunto de capítulos, do 32 ao 48, recebeu o título de *Sobre a profecia*. Aqui ele trata das diferentes fontes da verdade: a autoridade, o poder e, sobretudo, a Lei divina, natural e convencional. A originalida-

de de Maimônides neste aspecto é a de preservar o indivíduo e o bem-estar social diante das Leis, sejam elas reveladas ou civis, através do uso da razão como antídoto ao autoritarismo e ao fundamentalismo. Ele propõe a crítica racional para relativizar a literalidade de antigas leis, tomadas por alguns como pétreas, em benefício da vida das pessoas no contexto das épocas e lugares em que vivem.

Do tradutor

Pouco sabemos de Uri Lam, o tradutor e introdutor desta segunda parte do *Guia dos perplexos*, a não ser que este trabalho faz parte da sua pesquisa de mestrado, cujo orientador é Luiz Paulo Rouanet. Um experto em cultura hebraica, como é o professor José Luiz Goldfarb, autor do prefácio, adjectiva a tradução como “brilhante e precisa”; realmente uma erudita e importante contribuição filosófica num trabalho de mestrado.

Mesmo não sendo muito comum em resenhas, me atrevo a oferecer ao leitor um pouco da mais recente e qualificada bibliografia acerca do autor.

- MAIMONIDES, 2001. *M. Guia de descarriados*. Madrid, Trotta.
- DOBBS-WEINSTEIN, I. 2003. Jewish Philosophy. In: A.S. MCGRADY (ed.), *The Cambridge Companion to Medieval Philosophy*. Cambridge, Cambridge University.
- FRANK, D. H., 2003. Maimonides and the Medieval Jewish Aristotelianism. In: D.H. FRANK e O. LEAMAN (eds.), *The Cambridge Companion to Medieval Jewish Philosophy*, Cambridge, Cambridge University.
- IRVY, 2003. Moses Maimonides. In: J. JORGE; J. E. GRACIA e T. B. NOONE (eds.), *A Companion to Philosophy in the Middle Ages*, Oxford, Blackwell.
- BRAGUE, R., 2003. Maimonides – A Bíblia como filosofia. In: T. KOBUSCH (org.), *Filósofos da Idade Média*, São Leopoldo, UNISINOS.
- SIRAT, C., 2003. Jewish Philosophy. In: J. MARENBOON (ed.), *Medieval Philosophy*. London, Routledge.

247

Alfredo Culleton
Professor de Filosofia da UNISINOS